



Trégua entre Israel e Líbano em vigor

Anúncio do cessar-fogo de 10 dias foi feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que convidou os líderes dos dois países a visitar a Casa Branca. Hezbollah promete suspender ataques se israelenses encerrarem as hostilidades

» RODRIGO CRAVEIRO

Ibrahim Amro/AFP

Depois de o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciar que os líderes de Israel e do Líbano acordaram uma trégua, o cessar-fogo entrou efetivamente em vigor à zero hora de hoje pelo horário local (18h no horário de Brasília). A pausa nos combates está prevista para durar 10 dias. “O governo libanês se comprometeu a adotar medidas significativas para impedir que o Hezbollah realize ataques, operações ou atividades hostis de qualquer tipo contra alvos israelenses”, segundo nota do Departamento de Estado americano. O Hezbollah, movimento fundamentalista xiita libanês aliado ao Irã, e as Forças de Defesa de Israel (IDF) têm travado uma guerra desde 1º de março, dia seguinte ao assassinato do aiatolá Ali Khamenei, líder supremo iraniano. Trump disse que convidará o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, e o presidente libanês, Joseph Aoun à Casa Branca “nos próximos quatro ou cinco dias”. “Os dois líderes concordaram que, para alcançar a paz, iniciarão formalmente um cessar-fogo de 10 dias”, escreveu o titular da Casa Branca em sua plataforma Truth Social.

Em vídeo, Netanyahu saudou o cessar-fogo como uma “oportunidade para uma paz sustentável” e “um acordo de paz histórico”. Em entrevista à agência France-Presse, Ibrahim Al-Musawi, um parlamentar libanês do Hezbollah, acenou com o respeito à trégua. “Nós, do Hezbollah, aderimos ao cessar-fogo com cautela, desde que haja uma cessação completa das hostilidades contra nós e que Israel não o utilize como oportunidade para realizar assassinatos”, afirmou, horas antes do início da pausa na guerra. “Agradecemos ao Irã por pressionar o Líbano a nosso favor.”

O Ministério das Relações Exteriores do Irã reagiu positivamente ao início da trégua entre Israel e Líbano. “Acolhemos com satisfação o anúncio do cessar-fogo no Líbano e assinamos que o fim da guerra no Líbano fazia parte do entendimento sobre o cessar-fogo entre Irã e Estados Unidos, mediado pelo Paquistão”, declarou o porta-voz da pasta, Esmail Baghaei. Esmail Qaani, comandante da Força Quds, uma unidade especial



Simpatizantes do Hezbollah celebram com fotos do xeque Hassan Nasrallah, líder assassinado em 2024: festa no subúrbio sul de Beirute

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O otimismo é muito cauteloso; e muitos problemas provavelmente surgirão nos próximos dias. Vários passos intermediários ainda serão necessários antes de a região — incluindo o Líbano — alcançar um conjunto de condições que tornem possível uma paz ‘verdadeira’ e duradoura.”

JOSEPH BAHOUT, diretor do Instituto de Políticas Públicas e de Assuntos Internacionais da Universidade Americana de Beirute

do Corpo de Guardiães da Revolução Islâmica (IRGC, pela sigla em inglês), disparou: “O vencedor da batalha decisiva é o Hezbollah”. Moradores de Beirute, capital do Líbano, comemoraram a trégua disparando para o alto, enquanto muitos retornavam às suas casas na região sul da cidade.

Sul isolado

Pela manhã, a aviação israelense bombardeou uma ponte considerada estratégica no sul do Líbano, praticamente isolando o restante do país. “Aviões inimigos lançaram dois ataques consecutivos contra a

ponte de Qasmieh, a última ponte entre as regiões de Tiro e Sidon, que foi completamente destruída”, informou a Agência Nacional de Notícias (ANI), do Líbano. O ataque sucedeu a uma ordem das IDF para que os civis abandonassem toda a região sul do Líbano até o Rio Zahrani, quase 40km ao norte da fronteira. Minutos antes do início da trégua, o Hezbollah lançou foguetes contra o norte de Israel, ferindo gravemente um motociclista de 25 anos e uma garota de 17, na região de Karmiel, segundo o jornal The Times of Israel. Em Nahariya, um homem de 40 anos foi atingido por um dos artefatos e está em condição moderada de saúde.

“Este cessar-fogo está ligado tanto a uma dinâmica propriamente libanesa (israelense), quanto à dinâmica das potenciais negociações entre os Estados Unidos e o Irã. Nesse sentido,

é uma trégua frágil, com certeza”, afirmou ao **Correio** Joseph Bahout, diretor do Instituto de Políticas Públicas e de Assuntos Internacionais da Universidade Americana de Beirute. “O que torna a relação frágil no âmbito libanês-israelense é que as expectativas de ambas as partes são muito diferentes, e as suas agendas, quase que opostas.”

De acordo com Bahout, o Líbano deseja a rápida retirada israelense de seu território; o retorno da população deslocada pela guerra para o sul; e garantias de que ataques não se repetirão esporadicamente. “Essas exigências são condições para um avanço nas negociações de paz”, disse o libanês. “Israel, por sua vez, quer o desarmamento do Hezbollah e um compromisso de buscar a paz antes de qualquer medida ou concessão em território libanês.” Tecnicamente, Israel e Líbano estão em guerra há décadas.

Entrega de urânio

O Irã aceitou entregar suas reservas de urânio enriquecido. O anúncio, não corroborado por Teerã, foi feito pelo presidente dos EUA, Donald Trump, segundo o qual americanos e iranianos estão “perto” de um acordo de paz. “Eles aceitaram nos devolver o ‘pó’ nuclear”, declarou o republicano a jornalistas na Casa Branca, ao citar o urânio enriquecido que, segundo Washington, poderia ser usado na fabricação de armas nucleares.

O regime iraniano considera o programa nuclear um orgulho nacional e sublinha que o mesmo tem fins civis. Na quarta-feira, o Ministério das Relações Exteriores do Irã afirmou que ninguém pode tirar do país o direito à utilização da energia nuclear. Ao mesmo tempo, admitiu que o índice de enriquecimento de urânio é uma questão “negociável”.

“O presidente Trump diz um monte de coisas que não são, necessariamente, verdadeiras”, disse ao **Correio** Daryl G. Kimball, diretor da Arms Control Association (Associação de Controle de Armas). “Se o Irã concordou em se desfazer de seu estoque de 440kg de urânio enriquecido a 60% de U-235 (urânio 235), como parte de um acordo mais amplo para encerrar a guerra e evitar novos ataques israelo-americanos, isso deve ser feito sob a supervisão da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA)”, explicou.

Segundo Kimball, o Irã detém conhecimento para construir um dispositivo atômico simples. “No entanto, as instalações de enriquecimento de urânio em escala industrial foram severamente danificadas pelos bombardeios dos Estados Unidos em junho de 2025, e o material enriquecido não está imediatamente acessível”, lembrou. “Se a liderança tomasse a decisão de tentar construir uma arma nuclear, isso significaria que o Irã levaria muitos meses para enriquecer seu material, atualmente composto por 60% de urânio, até o grau necessário para bombas (90% de urânio-235) e, provavelmente, mais de um ano para construir um dispositivo nuclear.” (RC)

Papa Leão XIV volta ao ataque

Em mais um lance de sua polêmica pública com o presidente Donald Trump, o papa Leão XIV, o primeiro nascido nos Estados Unidos, atacou duramente os “tiranos” que “devastam o mundo” em guerras nas quais investem bilhões de dólares. A declaração foi feita em Bamenda, foco de anos de violência étnico-religiosa nos Camarões, escala da visita pela África.

“Ai daqueles que manipulam a religião e o próprio nome de Deus para o próprio benefício militar, econômico e político”, disse o pontífice. Aparelmente, Leão XIV respondia ao vice-presidente dos EUA, J.D. Vance, um católico, que o criticara e pediu que tivesse “cuidado” ao abordar teologia. “Fechem os olhos para os bilhões de dólares gastos em matanças e destruição, enquanto não se encontram recursos para saúde, educação e reconstrução.”

Em meio às críticas duras que dirigiu aos governantes, o papa reservou palavras de conforto e estímulo aos que lutam pela paz e “praticam a fraternidade”. “O mundo está sendo devastado por um punhado de tiranos, mas é mantido unido por uma multidão de irmãos e irmãs solidários”, disse.

Aparentemente em resposta ao pontífice, Trump voltou a invocar a repressão a uma onda de protestos contra o regime islâmico, citando uma cifra de vítimas apresentada por organizações pró-direitos humanos baseadas nos EUA e na Europa, mas contestada por Teerã. “O papa precisa entender que o Irã matou mais de 42 mil pessoas nos últimos meses”, disse. “Eram manifestantes totalmente desarmados, e o papa tem que entender isso” reforçou. “Esse é o mundo real, é um mundo desagradável.”

O pontífice vem mantendo nos últimos dias uma polêmica pública com o presidente dos EUA, fundamentalmente em torno da guerra iniciada por Trump contra o Irã. Antes de partir do Vaticano para uma visita de 11 dias à África, o papa questionou em público a opção da Casa Branca por uma solução militar para contenciosos com o Irã. Incomodado, Trump criticou o compatriota como “fraco contra o crime e terrível em política externa”. Leão XIV afirmou que “não tem medo” do presidente americano e seguirá “difundindo em alto e bom som a mensagem do Evangelho”.

A controvérsia foi marcada por publicações de Trump em sua rede, a Truth Social, nas quais não apenas atacou diretamente o chefe da Igreja Católica. Em uma delas, Trump usou imagem de inteligência artificial na

qual se retratava em cena inspirada no Evangelho. Vestido com túnica branca e manto vermelho, ele tocava a frente de um doente e irradiava luz. Sob críticas, inclusive da base cristã, o presidente retirou a postagem.

Na missa celebrada em Camarões para 20 mil fiéis, Leão XIV abordou as mazelas do país, imerso na guerra civil. Denunciou “o mal causado a partir do exterior por aqueles que, em nome do lucro, continuam apoderando-se da África para saqueá-la”. Camarões possui abundantes recursos, como petróleo, madeiras preciosas, cacau, café e algodão, mas também vastas jazidas minerais que há décadas atraem grupos estrangeiros e elites locais. Bamenda é o epicentro do conflito que, desde 2016, opõe os independentistas da minoria anglófona ao governo de

Alberto Pizzoli/AFP



O pontífice celebra missa nos Camarões: críticas aos gastos com guerras

laundé. Tanto separatistas como forças de segurança foram acusados de cometer atrocidades contra a população. Os civis se tornaram

alvo de extorsão, violência, sequestros e assassinatos. E pelo menos 6 mil pessoas morreram desde o início dos confrontos, segundo a ONU.